

## O Dia Mundial da Sida de 2011. Revisitando Elementos para uma Teoria da Notícia

*Cristina Ponte, Marisa Torres da Silva e Vanda Calado*

**E**m 1982, uma breve, *Cancro entre homossexuais*, aparecia numa secção de *fait-divers*<sup>1</sup> no circunspecto *Diário de Notícias*. Assim se marcava que essa nova e estranha patologia dizia respeito não só a *outras notícias*, fora dos parâmetros das *hard news*, mas que era também um problema dos que transgrediam a ordem sexual dominante. Um ano depois, as peças ainda eram raras e o estigma continuava, noutra breve: *A peste cor-de-rosa*<sup>2</sup>.

A subida vertiginosa de notícias sobre o VIH-Sida ocorreria em meados dessa década, associada a celebridades, quer como vítimas, como o actor Rock Hudson e o basquetebolista Magic Johnson, quer como activistas na luta contra a sua estigmatização, como Elisabeth Taylor. Por cá, ainda que a morte do cantor António Variações não tivesse passado incólume, as referências ao VIH-Sida eram contidas.

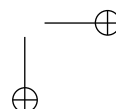
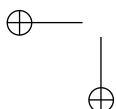
Nesses primeiros anos, as notícias nacionais delineavam fronteiras geográficas do *lá fora*, por contraste com o *cá dentro*. À história da infração sobrepunha-se a *história biomédica*, o belicismo da luta da medicina contra a doença, que tanto alimenta a noticiabilidade dos temas de Saúde.

Na viragem para os anos 1990, a cobertura vira-se para o país, alimen-

---

<sup>1</sup> *Diário de Notícias*, 5 de Abril de 1982.

<sup>2</sup> *Diário de Notícias*, 6 de Setembro de 1983.



tada pelo escândalo do sangue contaminado que vitimiza hemofílicos e pelo activismo de vozes e ONG na denúncia da discriminação de que eram alvo os portadores da síndrome; o pico de atenção ocorrerá entre 1991 e 1996. A partir de então, o número de notícias entra em declínio.

Esta síntese decorre da pesquisa sobre a cobertura noticiosa do VIH-Sida (1980-2000), no projeto de investigação coordenado por Nelson Traquina, *Elementos para uma Teoria da Notícia: Análise da Mediação Jornalística portuguesa de um problema social – VIH/Sida*, onde participámos, juntamente com Rogério Santos (2006). Este foi um dos primeiros projetos de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sobre o Jornalismo, em Portugal.

Começamos por rever o enquadramento desta pesquisa e os seus resultados globais, traçados por Nelson Traquina. Prosseguimos com um foco nas narrativas jornalísticas do Dia Mundial da Sida (DMS), criado pela Organização Mundial de Saúde, desde que surgiu, em 1988 a 2000, nos dois jornais portugueses analisados, o *Diário de Notícias (DN)* e o *Correio da Manhã*. Com base na atenção ao tratamento desta efeméride em 2011, discutimos que *velhas e novas* histórias pautam esse dia especial e como se ancoram nos fundamentos do estudo crítico do jornalismo.

### **Enquadramento teórico e leitura global da análise da cobertura noticiosa da Sida**

A lente da sociologia do jornalismo, o seu olhar globalizante sobre espaços institucionais e organizacionais, processos de controlo e seleção noticiosa, cultura e valores profissionais (Zelizer, 2004) orienta o enquadramento teórico deste projeto, consonante com a base disciplinar do seu coordenador. À tese de que os jornalistas constituem uma comunidade interpretativa (Zelizer, 1993), Traquina avança com a hipótese de constituírem uma ‘comunidade interpretativa transnacional’, uma tribo jornalística cujos membros partilham valores-notícia e uma cultura profissional. A cobertura jornalística da Sida, por ser um problema que atravessa fronteiras nacionais, permitiria testar a hipótese de o jornalismo ser global.

A partilha de interpretações da realidade decorre pela *aprendizagem*

*Livros LabCom*

do ofício de jornalista, ligada a *saberes de reconhecimento* (como situar jornalisticamente um evento), *saberes de procedimento* (como desenvolver um tema, que fontes ouvir, que métodos usar, como gerir o tempo) e *saberes de narração* (como apresentar de forma jornalística), sustentam Ericson, Baranek e Chan (1991, pp. 125-133). Traquina (2004) segue esta perspectiva porque envolve os dois poderes fundamentais do campo jornalístico: a seleção dos acontecimentos e a sua construção como notícia. Seguindo a teoria do agendamento, Traquina (2007) defende que o jornalismo tem o poder não só de colocar na agenda pública os tópicos de discussão, mas também, e sobretudo, de os enquadrar de uma maneira que pouco varia pois os jornalistas vêem os acontecimentos através dos mesmos *óculos* (Bourdieu, 1997). Nesta medida, Traquina *et. al* (2007) seguem o argumento de Tuchman (1978) de que o enquadramento jornalístico dos acontecimentos oferece uma certa tipificação da realidade social e, assim, conta uma “estória”.

Com base em várias análises da cobertura jornalística da Sida – 20 anos em dois jornais portugueses, um de referência e um popular (Traquina *et. al*, 2007); três meses em cinco jornais, dos Estados Unidos, Brasil, Espanha e Portugal (Traquina, 2004); seis anos no *Jornal de Angola* (Traquina, 2007) - o autor conclui que, apesar da cobertura jornalística não apresentar sempre os mesmos assuntos nem com a mesma intensidade, os jornalistas contam as mesmas “estórias” sobre a Sida, que se dividem entre a “estória” biomédica – a busca pela novidade – e a “estória” da epidemia – a importância dos dados estatísticos enquanto elemento da rotinização do trabalho jornalístico.

A análise longitudinal da Sida nas notícias provou que estas são dominadas pelas fontes oficiais, sobretudo as médico-científicas, tal como a teoria do agendamento sublinha (Traquina, 2004). Não quer isto dizer que o campo jornalístico se encontre fechado a vozes alternativas, mas sim que estas tendem a ter um papel secundário nas notícias. Para Traquina, esta característica traduz a rotinização do trabalho jornalístico, assim como o seu papel reativo aos acontecimentos e à disponibilidade das suas fontes de informação.

Para o autor, a tribo jornalística partilha também constrangimentos e características idiossincráticas do campo jornalístico, como o fator tem-

po. Assim, o ritmo próprio do trabalho jornalístico e os recursos à disposição dos jornalistas levam a que estes privilegiem os acontecimentos da actualidade em detrimento das problemáticas (Traquina *et al*, 2007).

Contudo, efemérides como o Dia Mundial da Sida justificam a noticiabilidade de um acontecimento que já ocorreu no passado (Traquina *et. al*, 2007). Traquina enquadra as efemérides como acontecimentos de rotina, seguindo a tipologia de Molotch e Lester (1974): eventos pré-anunciados, previamente colocados em agenda e na distribuição de tarefas dentro da redação (Traquina, 2004).

Esta análise testa estes pontos a partir da cobertura do Dia Mundial da Sida nos dois jornais portugueses, com perfis diferenciados. Tratando ambos o mesmo evento pela sua atualidade (saber de reconhecimento), será que os saberes de procedimento e de narração são próximos? Que lugares podem ter aqui fontes não oficiais? E será que a orientação para o acontecimento exclui a presença de problemáticas?

### Revisitando a efeméride (1988-2000)

A análise da cobertura jornalística do DMS no *DN* e no *CM*, entre 1988 e 2000 (Traquina *et. al*, 2007, pp. 75-81), revela que a efeméride foi objeto de atenção considerável por parte dos dois jornais: o DMS esteve presente em cerca de 20% do total de peças noticiosas sobre Sida nos meses de Novembro e Dezembro, por vezes com destaque na primeira página. Pela contabilização das peças por ano e por mês constata-se que os meses referidos constituíam períodos de uma maior intensidade de cobertura jornalística sobre o tema. O DMS, enquanto acontecimento de rotina consolidou-se, pois, nas notícias como uma espécie de “catapulta” (Traquina *et. al, ibidem*, p. 81) para os discursos sobre a Sida.

A estas linhas de semelhança opõem-se, contudo, linhas de diferença.

A partir de 1990, o *DN* passa de um domínio claro de fontes oficiais (OMS, Grupo de Trabalho da Sida, etc.) e de informações/enquadramentos por estas veiculados (através de estudos ou de conferências de imprensa) para uma abordagem que evidencia um esforço para dar a conhecer outras perspectivas sobre a doença que não se limitam a dados oficiais. Com efeito, os três primeiros anos de existência do DMS

tinham-se caracterizado por uma cobertura jornalística que incidia quase exclusivamente em estatísticas veiculadas pela OMS ou em conclusões do grupo de trabalho da Sida.

Assim, ainda que a notícia continue a predominar, a presença de géneros jornalísticos como a reportagem e a entrevista, o investimento em enviados especiais para cobrir encontros internacionais (cf. 1994, *DN*, cimeira francesa contra a Sida) ou a abertura a vozes “não-oficiais” denotam um empenho para falar de modo diferente da Sida, neste jornal: procedimentos que implicaram esforço financeiro e formas narrativas que contrariam a mera descrição de factos marcam, assim, a diferença em relação ao jornal popular.

A análise longitudinal revelou ainda que, na década de 1990, iniciativas promovidas pelas organizações não-governamentais, com destaque para a Abraço, tiveram destaque na cobertura da efeméride, em ambos os jornais: o ativismo e o protagonismo de fontes não oficiais influíram no configurar do acontecimento. Sendo um acontecimento promovido pela OMS, com um tema proposto anualmente para todos os países, foi abordado pelos dois jornais portugueses sob uma perspetiva que privilegiou a cobertura de iniciativas, problemas e aspetos relacionados com o país.

Seguindo designações clássicas dos valores-notícia introduzidas por Galtung e Ruge (1965), podemos dizer sobre a cobertura desta efeméride que ao *tempo do acontecimento* se juntam a *significância*, pela proximidade geográfica e o interesse, a *complementaridade* das vozes e a *personalização*. Pelo enquadramento primário introduzido pela OMS, as peças neste Dia diferenciam-se por vezes de valores-notícia associados à Sida, como a *consonância* das grandes histórias ou a *amplitude* do seu *impacto negativo*.

### O Dia Mundial da Sida, em 2011

Estamos hoje longe do ambiente de pandemia vivido nos primeiros anos: nos países desenvolvidos, o número de pessoas atingidas não continuou a subir e ter o vírus não significa necessariamente morte a curto prazo ou impossibilidade de realização pessoal. Os valores-notícia da negatividade e do impacto quantitativo tornam-se secundários enquanto

se mantêm os valores jornalísticos da relevância de políticas públicas, do interesse humano e das boas *histórias* do triunfo da ciência.

Consciente de que a redução quantitativa do impacto pode levar a um menor interesse jornalístico pelo tema e porque esta continua a ser uma matéria de saúde marcada pelo estigma, o lema da campanha da OMS para 2011 foi radical: Reduzir a zero (*Getting to zero*) a irradicação das infecções, das mortes e das discriminações.

A análise de conteúdo das peças seguiu a metodologia do trabalho anterior, recolhendo todas as que referissem a Sida, entre 15 de Novembro e 15 de Dezembro de 2011, no *DN* e no *CM*. No entanto, a análise incidiu apenas sobre as peças noticiosas com referência ao DMS ou que surgissem no seu âmbito.

Nesse período, a Sida foi notícia em 24 peças; mais de metade (16) incidiu no DMS (12 no *DN*, 4 no *CM*) e foi publicada entre 30 de Novembro e 2 de Dezembro, num ciclo temporal curto e marcado pela atualidade: o DMS continua a ter um peso substancial na forma como a Sida adquire noticiabilidade.

Este total de peças é semelhante ao contabilizado entre 1988 e 2000 (Traquina *et. al*, 2007: 159); no entanto, nenhum dos itens recolhidos em 2011 foi alvo de destaque na primeira página. Em ambos os jornais estão ausentes a entrevista, o artigo de opinião ou o editorial.

A diferença numérica das peças nos dois jornais ilustra a (continuação da) cobertura mais extensa e destacada por parte do *DN*. A 1 de Dezembro, o jornal dedicou duas páginas ao DMS, par e ímpar, na secção Actual (nas primeiras páginas de interior do jornal), assinadas por uma jornalista, com oito unidades de redação. Ao centro, uma enorme imagem com a mensagem *Mais pessoas sobrevivem ao VIH*: um cordão de dezenas de jovens de etnias diversas a segurar na laçada vermelha que simboliza a solidariedade, e uma infogravura sobre a incidência mundial. Publicou ainda o Suplemento *Dossier Saúde*, dedicado ao DMS, produzido externamente pelo que não foi contabilizado. Dias antes, a 27 de Novembro, tinha sido publicada uma reportagem na *Notícias Magazine* intitulada Ser jovem e VIH+.

Já no *CM* de 1 de Dezembro, o DMS é apenas mencionado em três breves, não assinadas e dispersas pelo jornal, tendo como fontes comu-

nicados de imprensa. Recordando o quanto este jornal noticiou a doença até 1995, em termos quantitativos (Traquina *et. al*, 2007, p. 106) e numa linguagem de dramatização e estigmatização (Ponte, 2004, pp. 68-79), vemos como a noticiabilidade do tema neste jornal popular se ressentia da mudança de paradigma.

O foco dos itens noticiosos sobre o DMS nos dois jornais continuou a ser sobretudo nacional, o que reitera o valor-notícia da proximidade. A categoria “política governamental” foi tema principal em 6 das 16 peças, devido ao anúncio do fecho da Linha Sida, ao fim de vários anos em funcionamento, e à apresentação das metas nacionais para combate à doença (2011-2015); entre outros temas destacam-se as categorias “epidemia” (dados estatísticos sobre a doença – quatro peças) ou “resultados de sondagens” (duas peças).

O peso quantitativo das fontes oficiais (governo, agências governamentais) e de fontes especializadas (médicos e cientistas) é substancial em 2011, protagonizando 10 das 16 peças; organizações não-governamentais protagonizam apenas duas peças noticiosas, de resposta a peças principais (resultados estatísticos e políticas públicas) sem o carácter pró-activo que tiveram nos anos 1990. Por fim, um jovem seropositivo é a figura principal na reportagem da *Notícias Magazine*, a peça mais extensa e a que mais corresponderá ao lema da OMS de sonegar a associação da Sida a uma morte certa e a uma vida sem qualidade. Como no estudo anterior, é a reportagem o género jornalístico mais capaz de se orientar para problemáticas – neste caso, como viver com a síndrome<sup>3</sup>.

Uma sumária análise discursiva evidencia, por um lado, que a retórica da quantificação continua a predominar nas notícias, suportando-lhe a “teia de facticidade” (Bird e Dardenne, 1988), e que continua perene a referência a *grupos de risco*, ofuscando a de *comportamentos de risco*: ambas são consonantes com a escrita jornalística, que privilegia a quantificação e a generalização.

A leitura das peças evidencia também que as problemáticas são capazes de se configurar em peças descritivas, introduzindo aí a diferença que pode transformar uma matéria factual em tema de conversa e

<sup>3</sup> Foi esse também o enfoque da reportagem publicada no DMS no P2 do Público: 35 anos, psicóloga, seropositiva, mãe: Uma vida normal, com destaque de capa.

de discussão. Como escrevia Robert Park (1940, p. 677): “A primeira reação típica de um indivíduo perante as notícias é o desejo de as contar a alguém. Surge a conversa, segue-se o comentário e talvez comece mesmo uma discussão. Uma vez começada a discussão, o evento que se discute depressa deixa de ser a notícia: como a interpretação de um evento difere entre os indivíduos, as discussões passam das notícias para as problemáticas em que se baseiam.”

Vejam os estes pontos nas duas páginas preparadas pelo *DN* para o DMS.

Enquanto os dados oficiais registam a diminuição no número de portugueses com o vírus, a manchete destaca que aumenta número de infectados nos homossexuais; em articulação, temos um título explicativo, *Mudança de hábitos de consumo de drogas faz diminuir doença entre toxicodependentes*, caracterizados como “um dos grupos mais vulneráveis há dez anos”. Uma breve intitula que *15% dos novos infectados são crianças* – destacando uma minoria etária com elevada carga afetiva. A referência a um estudo sobre formas de transmissão da doença, de uma “empresa biomédica” (nacional? estrangeira?) que apenas inquiriu mulheres, revela que *25% estão mal informadas*, a que se soma o perfil do doente em fase avançada, a carecer de apoio domiciliário (“homens entre os 20 e os 40 anos, sem recursos económicos”).

*Homossexuais, toxicodependentes e crianças* eram os grupos mais referidos no passado (a que se juntavam as pessoas com hemofilia), numa distinção simbólica entre portadores inocentes e culpados. Juntem-se os *jovens adultos pobres* e as *mulheres* – e temos a alteridade com a norma do ‘leitor tipo’: adulto maduro, sexo masculino, posição económica estável, heterossexual, não consumidor de drogas.

No total das peças, há mais de 50 referências quantitativas, entre números absolutos e percentagens, sobretudo associadas à diminuição de ocorrências, com uma exceção. Associado a esta problemática, um possível tema de conversa será a “fadiga da prevenção”. Outro tema, a longa indefinição de prioridades nas políticas públicas, cerca de um ano, que lança a preocupação por parte de ONG. Problemática transversal e perene é a proximidade com questões sexuais desta matéria de saúde pública, que a distingue de outras epidemias. Daqui que a oposição bi-



nária entre orientação para acontecimento ou orientação para problemática possa nestas notícias escamotear que estamos perante uma matéria sensível, que se presta a narrativas estigmatizantes que se ancoram em problemáticas culturalmente marcadas – e que os “contratos de leitura” (Véron, 1988) apresentados pelos jornais aos seus leitores podem não só divergir como também registar alterações internas.

Por isso, a lente da sociologia do jornalismo beneficia em ser combinada com outras lentes, como propõe Zelizer (2004). Uma delas, a Análise Cultural, dá conta de dinâmicas social e culturalmente ancoradas, com atenção ao contexto e às diferenças no jornalismo.

Park destacava o valor conversacional da notícia, um valor que continua atual. Embora refêns da atualidade e da descrição factual dos acontecimentos, há um potencial nas notícias para que sejam (também) mais do que isso.

### **Bibliografia**

BIRD, E. e R. DARDENNE (1988). Mito, Registo e “Estórias”: Explorando as Qualidades Narrativas das Notícias. In N. Traquina (2003), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”* (264-277). Lisboa, Veja.

BOURDIEU, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Oeiras, Celta.

ERICSON, R. V., P. M. BARANEK, & CHAN, J. (1991). *Representing order: crime, law and justice in the news media*. Toronto: University of Toronto Press.

GALTUNG, J. & M. RUGE (1965). Structuring and Selecting News. In S. Cohen & J. Young (1973), *The Manufacture of News: Social Problems, Deviance and the Mass Media*. (62-72). London, Constable.

MOLOTCH, H., & LESTER, M. (1974). News as Purposive Behaviour. On the Strategic Use of Routine Events, Accidents and Scandals. *American Sociological Review*, 39, 101-112.

PARK, R. E. (1940). News as Form of Knowledge: a Chapter in the Sociology of Knowledge. *The American Journal of Sociology*, 45(5), 669-685.

PONTE, C. (2004). Notícias e silêncios. A cobertura da Sida no Diário de Notícias e no Correio da Manhã (1981-2000). Porto, Porto Editora.

SANTOS, R. (2006). A fonte não quis revelar. Porto, Campo das Letras.

TRAQUINA, N. (2002a). O que é? Jornalismo. Lisboa: Quimera.

TRAQUINA, N. (2002b). “Uma comunidade interpretativa transnacional: A tribo jornalística.” *Media & Jornalismo* 1, 45-64.

TRAQUINA, N. (2004). “A Sida como notícia. Análise de caso sobre a cobertura jornalística da problemática VIH/Sida nos jornais Diário de Notícias e Correio da Manhã.” *Media & Jornalismo* 5, 81-108.

TRAQUINA, N. (2007b), HIV/AIDS as News: A Comparative Case Study Analysis of the Journalistic Coverage of HIV/AIDS by an Angolan Newspaper and Two Portuguese Newspapers. *International Communication Gazette*, 69(4), 355-375.

TRAQUINA, N., M. Torres da Silva e V. Calado. (2007). A Problemática da SIDA como Notícia. Lisboa, Livros Horizonte.

TUCHMAN, G. (1978). Making News. A study in the construction of reality. New York, The Free Press.

VÉRON, E. (1988). Presse écrite et théorie des discours sociaux: production, réception, régulation. In C. Chabrol, P. Charaudeau & A-M Houbedine, *Presse: produit, production, reception* (11-26). Paris, Didier Érudition.

ZELIZER, B. (1993). “Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa.” *Comunicação & Linguagens* 27, 33-61.

ZELIZER, B. (2004). Taking Journalism Seriously. Thousand Oaks, Sage.